



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

O lugar de escrita e o lugar de fala ? as narrativas de testemunho e a virada antropológica

Autoria: Elaine Rodrigues Perdigão (FACESGRANRIO - Faculdade Cesgranrio)

Este work aborda duas obras consideradas como narrativas de testemunho a fim de discutir sobre a perspectiva situada na antropologia. Objetiva-se com o estudo compreender como os sujeitos ? antropólogos ou não ? estão identificando os problemas e desafios de suas culturas e como estão esboçando isso em narrativas antropológicas de cunho fortemente autobiográfico. Quarto de Despejo (JESUS, 1960) e Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia (MENCHÚ, 1983) suscitam reflexões e retratam situações históricas que ultrapassam a perspectiva do indivíduo. O seu valor reside menos na experiência individual que desejam relatar do que a possibilidade de pensar e refletir sobre modos de vida, situações de opressão e miséria relacionados ao ponto de vista do nativo. Os testemunhos visibilizam um relato não mais vinculado à observação e a interpretação do outro, no caso o pesquisador. Se os espaços de fala e de escrita dos sujeitos subalternos são reivindicados, não seria o caso de nos questionarmos sobre os espaços de onde fala o



intelectual? (SPIVAK, 2010). Os discursos dessas mulheres nos ajudam a relativizar a vantagem epistemológica do discurso do pesquisador em detrimento do discurso do nativo e/ou informante. Em ambos os testemunhos, o tom predominante autoral, autobiográfico lança luz sobre outros textos, incluindo os antropológicos. Esses relatos nos dizem que aqueles que seriam nossos nativos possuem, também, a autoridade de dizer por eles mesmos (VIVEIRO DE CASTRO, 2002). A perspectiva situada, fundada na primeira pessoa, nos habilita para uma revisão crítica acerca das produções antropológicas que se valeram da representação sobre o outro para, em seu lugar, privilegiar o discurso de pessoas oprimidas. Emerge, assim, uma nova produção acadêmica, cuja pauta possibilita a formação de um pensamento "capaz de refletir um ponto de vista especial" (HILL COLLINS, 2016, p. 99). Privilegiando essas outras formas de expressões e narrativas, podemos avaliá-las como instrumentos heurísticos poderosos para uma abordagem polifônica (onde estão inclusas outras falas e discursos) nos/dos processos sociais. Por fim, propõe-se refletir sobre um sentido de uma antropologia situada, que se pretende desviada de um discurso hegemônico de poder.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: